



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

JÉSSICA FIGUEIREDO SILVA

**REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE DROGAS,
ADOLESCÊNCIA E ESCOLA – REVISÃO DE LITERATURA.**

**CAMPINA GRANDE – PB
2014**

JÉSSICA FIGUEIREDO SILVA

**REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE DROGAS,
ADOLESCÊNCIA E ESCOLA – REVISÃO DE LITERATURA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel/Licenciado em Psicologia.

Orientador (a): Prof.^a Me. Livânia Beltrão Tavares

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586r Silva, Jéssica Figueiredo.

Reflexões sobre as relações entre drogas, adolescência e escola –
Revisão de literatura. [manuscrito] / Jéssica Figueiredo Silva. -
2014.

27 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e
da Saúde, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Livânia Beltrão Tavares, Departamento
de Psicologia".

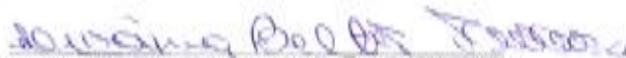
1. Uso de Drogas. 2. Adolescentes. 3. Educação. I. Título.
21. ed. CDD 362.29

JÉSSICA FIGUEIREDO SILVA

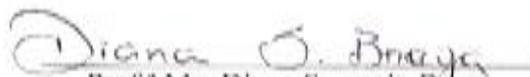
**REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE DROGAS,
ADOLESCÊNCIA E ESCOLA – REVISÃO DE LITERATURA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à banca examinadora do Departamento de
Psicologia da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência para
obtenção do grau de Bacharel/Licenciado em
Psicologia.

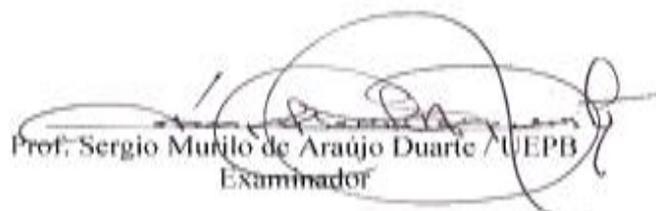
Aprovado em: 26/02/2014.



Prof.ª Me. Livânia Beltrão Tavares/UEPB
Orientadora



Prof.ª Me. Diana Sampaio Braga
Examinadora



Prof. Sergio Mútilo de Araújo Duarte /UEPB
Examinador

Á Deus, que com seu amor incondicional me guiou até aqui.

Á minha família, pelo amor, carinho e compreensão todo o tempo, por acreditarem nos meus sonhos.

Á Mel, pela amizade e cumplicidade de toda a vida. Você é eterna em meu coração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu forças para chegar até aqui. E foram muitas as vezes que pensei em desistir, mas sua misericórdia e amor me sustentaram na continuidade dos meus estudos, na busca pela realização de mais um sonho. Meu Deus, sempre esteve presente em todas as horas da minha vida, a Ele eu louvo e agradeço todos os dias. *“Agora estou prestes a ir pelo caminho de toda a terra. Vocês sabem, lá no fundo do coração e da alma, que nenhuma das boas promessas que o Senhor, o seu Deus, lhes fez deixou de cumprir-se. Todas se cumpriram; nenhuma delas falhou”*. Josué 23.14.

Agradeço à minha família pelo amor, carinho, suporte e compreensão. Aos meus pais José Bernardo e Maria José, pelo modelo de honestidade e integridade, por terem me ensinado os primeiros passos, e confiado na minha capacidade de percorrer novos caminhos. Mesmo na distância estiveram todos os dias ao meu lado, e nas dificuldades foi meu porto seguro. Obrigado por me mostrar Deus, por me ensinar que a fé é a estrutura que nos sustenta e que sem Ele não há nada. Obrigado pela acolhida, pelas palavras de encorajamento, pelos joelhos que se dobraram incontáveis vezes em meu favor, muitas vezes com lágrimas, a vocês eu dedico essa conquista. Meu coração se orgulha em tê-los como pais. Eu os amo.

Aos meus irmãos Rafaela July e Bernardo Júnior, com quem aprendi que o amor pode ser incondicional, e que cuidado e dedicação são apenas reflexos do amor que sentimos. Obrigado por estarem sempre ao meu lado e por se fazerem presentes quando eu precisei.

À minha sobrinha Lua Mayã, que com suas demonstrações de um amor tão puro, iluminou meus dias e trouxe ainda mais sentido à minha vida. Tia Jeh te ama, e vai estar sempre contigo.

À minha tia Lucia Cordeiro, pelo incentivo e força nesse caminho. Pelos primeiros livros com os quais me presenteou, por ter me ensinado que o conhecimento constrói e muda histórias. A senhora faz parte dessa vitória, teu exemplo me trouxe até aqui. Obrigado pelos ensinamentos e amor dedicados a mim. Eu te amo, minha guerreira.

Ao meu cunhado Anselmo pela paciência e carinho, você é parte da família que Deus me presenteou.

À minha irmã Jaina Geovana, a quem Deus me permitiu escolher como irmã e amiga. Obrigado por tudo meu amor, por ser meu colo nos dias difíceis e também compartilhar os melhores sorrisos, amo você.

À minha Mel, meu anjo de quatro patas e dona do focinho mais doce do mundo. São dez anos de amor incondicional, de lambidas, e de muita cumplicidade. Agradeço a Deus pelo presente que és pra mim. Você é eterna em meu coração.

Aos amigos que estiveram ao meu lado. Alguns longe outros perto, mas todos sempre presentes. Eu também os amo.

Aos colegas e mestres que me incentivaram nessa caminhada, amigos da UEPB, dos estágios e instituições que tive o prazer de conhecer e trabalhar, pessoas especiais, com quem muito aprendi.

À minha querida “Turma do Muído”, turma 2013.2 de Psicologia, levarei vocês sempre comigo, todos os ensinamentos, o carinho e acolhimento de todos os momentos.

Ao meu bem, Bismarck Colaço, por toda dedicação, cumplicidade, paciência e amor. Pelas vezes em que me encorajou a seguir e outras que me carregou nos braços quando o caminho me parecia difícil, por trazer paz e serenidade à minha vida. Você faz parte da minha história.

À minha amiga-irmã, Ivna Chrisley, que me estendeu a mão e o coração, compartilhou sonhos e todas as adversidades desse caminho. Obrigado por me adotar como irmã, por segurar a minha mão quando eu já não tinha forças, pelas palavras sábias e consoladoras, pela irmandade e cumplicidade de todos os dias. Essa vitória é apenas o início de um caminho iluminado que Deus planejou pra nós. Eu amo você.

Às minhas amigas, Kelly Angellin e Mirella Dias, amores que a vida me deu. Agradeço pela força e amizade de vocês, pelas doses diárias de felicidade. Que esse elo se fortaleça com o tempo, vocês são partes do que sou agora.

À minha orientadora e professora Livânia Beltrão, que me orientou na realização desse trabalho e muito contribuiu na minha formação profissional e pessoal, sempre com muito carinho.

A todos que contribuíram de alguma forma na realização desse sonho, os meus sinceros agradecimentos, essa vitória é nossa.

REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE DROGAS, ADOLESCÊNCIA E ESCOLA – REVISÃO DE LITERATURA.

SILVA, Jéssica Figueiredo¹

RESUMO

O objetivo deste artigo foi pontuar alguns aspectos analisados após uma revisão da literatura sobre a relação existente entre a escola, o adolescente e uso de drogas, feita a partir de artigos e trabalhos já publicados acerca dos três eixos. Propõe uma análise das influências positivas e negativas do ambiente escolar sobre o uso de tais substâncias, ressaltando-se a importância de se trabalhar tal temática e como ela deve ser tratada neste espaço. Na fundamentação teórica, contida no corpo do trabalho, foi dada ênfase aos estudos sobre cada um dos três eixos separadamente, à análise dos mesmos em conjunto, bem como às concepções do uso de drogas por adolescentes escolares e os possíveis desdobramentos e intervenções planejadas para o contexto escolar. Dentre as questões resultantes da análise, destaca-se um ponto fundamental: o uso de drogas se constitui enquanto um problema multifatorial, não podendo ser tratado de forma isolada da escola ou da família. Assim, já que a escola encontra-se em posição privilegiada, sugere-se então que sejam planejadas ações preventivas e intervenções precoces nas escolas de todo país, objetivando uma troca de informações e conteúdos que alertem sobre os riscos e prejuízos causados pelo uso de drogas.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência, Drogas, Escola.

¹Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: jeehfigueiredo@hotmail.com

REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE DROGAS, ADOLESCÊNCIA E ESCOLA – REVISÃO DE LITERATURA.

INTRODUÇÃO

O uso de substâncias psicoativas está diretamente relacionado às transformações sociais, os adventos científicos, o rápido processo de globalização e modernização social e esteve presente em toda história da humanidade. No Brasil, a tradição cultural do consumo exagerado de álcool em comemorações festivas, enquanto objeto de prazer, assim como o cigarro e outras substâncias consideradas ilícitas, fazem da nossa sociedade uma consumidora ávida de drogas. As drogas denominadas psicoativas agem no sistema nervoso central, alterando o funcionamento do cérebro, produzindo sensações que variam de um estado de calma à excitação, potencializando variações de humor em curto espaço de tempo, e também alterando a percepção sobre a realidade.

O consumo dessas substâncias se tornou uma preocupação mundial a partir dos anos 60, no Brasil e em outros países mais industrializados, e hoje é considerado um problema de saúde pública, em função do número alarmante de dependentes químicos, e dos riscos e prejuízos causados pelo uso dessas substâncias. A OMS (Organização Mundial da Saúde) divulgou em 2006, um relatório no qual se estima que quase dois terços das mortes prematuras e um terço da totalidade de doenças em adultos, estão associadas a comportamentos que se iniciaram precocemente, na adolescência, como o abuso de drogas, dentre as quais se destacam o álcool e o tabaco.

É sabido que o consumo de drogas é uma prática humana universal e milenar (TAVARES, BÉRIA e LIMA, 2001), desde o uso de plantas alucinógenas com efeitos anestésicos para tratamentos medicinais, à drogas de efeitos colaterais extremos, que podem levar à morte. Infelizmente, nas últimas décadas o uso de drogas tornou-se uma prática comum entre adolescentes brasileiros, com predominância do sexo masculino.

Estudar a dependência química e os aspectos que influenciam o uso de tais substâncias na adolescência ou qualquer outra fase da vida requer uma análise sociocultural, que abrange diferentes questões, como a educação e as influências sociais sobre o indivíduo (CONTINI; KOLLER; BARROS, 2002). Assim, analisar questões acerca do envolvimento dos adolescentes com o uso de drogas vai além dos problemas de saúde e a dependência causada por elas, envolve questões como a disponibilidade dessas substâncias, a consciência dos seus efeitos devastadores e individualidade e subjetividade de cada sujeito (BUCHER, 1991). Por isso a importância de se pensar a escola como um lugar aberto a essas questões, que integre o aluno e use o conhecimento como ferramenta de conscientização desses efeitos. A questão do uso de drogas entre os adolescentes escolares é, sem dúvida, um tema relevante na saúde pública e na educação do nosso país.

Adolescência: fase da experimentação

Característico período de transição entre a infância e vida adulta, a adolescência é a fase de maior impulso ao desenvolvimento emocional, sexual, físico, social e mental do indivíduo. O período tem início com as mudanças corporais da puberdade e chega ao fim quando o indivíduo firma seu crescimento e sua personalidade, buscando sua independência financeira e ingresso nos grupos sociais (TANNER *apud* EISENSTEIN, 2005). O desenvolvimento aqui como é exposto, não determina apenas mudanças corporais, mas também o crescimento interior, o desenvolvimento psíquico, a constante construção da personalidade e formação da identidade do indivíduo (RANGEL, TORMAN e FOCESI, 2012).

No Brasil, um critério etário para a adolescência é apresentado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), na Lei 8.069, do ano de 1990, artigo 2º que considera criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos e define a adolescência como a faixa etária de 12 a 18 anos de idade.

O uso de drogas ilícitas e o consumo de álcool em excesso por adolescentes têm causado sérias consequências à saúde destes. O álcool é porta de entrada e convite para outras drogas, já que este é socialmente aceito e consumido comumente por adolescentes levando-os a outros vícios, como as drogas ilícitas, quais sejam: maconha, inalantes e/ou cocaína. Estudos

epidemiológicos realizados em diversos países revelam que o consumo de álcool é o mais comum entre adolescentes, e acontece por volta dos 11 anos de idade, apontando também que a primeira experiência com o álcool acontece na presença da família (MALBERGIER; CARDOSO & AMARAL, 2012).

A estrutura familiar e as relações e vínculos familiares, são elementos essenciais que devem ser observados e abordados pela Psicologia. Esta, por sua vez, irá trabalhar na orientação aos pais, para criar oportunidades de mudança dos padrões de relacionamento, para que se desenvolva de forma saudável. A orientação será direcionada no sentido de sua participação efetiva na educação dos filhos, para que se estabeleça uma relação baseada na confiança e no exemplo, com uma conduta que discuta limites direitos e deveres, orientando quanto aos perigos do uso de determinadas substâncias e os prejuízos causados por elas.

A adolescência é uma fase que se destaca por importantes conquistas, descobertas e transformações psíquicas e biológicas (CONTINI; KOLLER; BARROS, 2002). Dessa forma, o uso de drogas pode trazer danos que se estendem até a vida adulta, deixando sequelas que podem ser irreversíveis. Essas substâncias causam não só a dependência, mas problemas de ordem física e psíquica, como déficits cognitivos e inúmeras doenças que afetam órgãos vitais, podendo levar à morte. Segundo alguns autores, quanto mais cedo o início do uso dessas substâncias, maior a probabilidade do adolescente tornar-se um usuário frequente e apresentar problemas decorrentes desse uso (PEDROSO, OLIVEIRA e ARAÚJO, 2006).

Com tantos riscos e efeitos devastadores, quanto mais cedo se der o início do uso dessas substâncias, maiores serão os malefícios à saúde, assim o tratamento e prevenção também devem ser iniciados precocemente (HIGHET, 2003). Além dos efeitos já conhecidos, a mídia e os estudos recentes têm constatado que o uso de drogas vem constantemente sendo associado à criminalidade entre jovens e adolescentes, e dessa relação surgem menções de que a droga seria, por vezes, o principal motivador de atos infracionais (MARIANO da ROCHA, 2003).

É uma fase de descobertas significativas, de afirmação da personalidade, quando o adolescente experimenta o poder e o controle sobre si mesmo (RANGEL, TORMAN e FOCESI, 2012). Nessa etapa da vida, ocorre uma diferenciação natural, uma busca pela individualidade, período em que o indivíduo afasta-se da família e procura seu grupo de iguais, de interesses semelhantes (ABERASTURY e KNOBEL, 2000), portanto, é uma complexa transformação do jovem até a idade adulta, tanto em seu aspecto biológico e social

quanto no aspecto psicológico. A adolescência é caracterizada como um período crítico e especial na vida do indivíduo.

Abadi (1991) entende que a droga na fase da adolescência é vista como um meio de socialização com um grupo, permitindo-lhe sentir-se integrado. Esse uso pode frequentemente, ser um meio pelo qual o indivíduo buscará impulso para rebelar-se contra a família e a autoridade representada por esse primeiro grupo no qual esteve inserido, bem como às leis sociais e demais regras morais. Para Santos e Costa-Rosa (2007), a problemática do uso de drogas ganha cada vez mais espaço nas discussões em diferentes áreas do conhecimento, e esse tema aparece geralmente associado aos altos índices de violência em todo o país. A visibilidade dada ao tema vem acompanhada da suposição de que o aumento do consumo de droga seja diretamente proporcional ao aumento dos índices de violência. A mídia televisiva tem exibido de forma real e cotidiana, imagens chocantes dos efeitos do uso e da destruição causada pelas drogas.

Os adolescentes que iniciam o uso nessa fase costumam empregar justificativas para o consumo, por acreditarem possuir o controle da situação e serem capazes de parar quando assim desejarem (PRATTA e SANTOS, 2006). Nessa fase da vida, os usuários dificilmente procuram ajuda, ou qualquer tratamento químico. Raramente relacionam seus problemas com o uso das drogas, especialmente por se encontrarem num período de constantes mudanças físicas e psicológicas. Os que não percebem tamanho do problema tendem a negá-lo ou minimizá-lo, achando que tudo está sob controle. Nesses casos, dependendo do modo como é tratado o assunto, a resistência pode aumentar, prejudicando ainda mais a saúde desse adolescente (MARQUES, *apud* ANDRETTA e OLIVEIRA, 2004).

Os estudos acerca do tema também têm buscado investigar fatores de risco e proteção sobre o uso de drogas. De um lado, fatores de risco são aqueles que frequentemente estão mais associados ao uso, e os de proteção os que menos aparecem nessas relações. Tais fatores envolvem características biológicas, psicológicas e sociais (SCHENKER e MINAYO, 2005).

Algumas comorbidades são frequentes ao problema do uso de drogas nessa fase da vida, como o fracasso escolar, comportamentos sexuais de risco e atos infracionais aparecem correlacionados uns com os outros, quando o assunto é drogas na adolescência. A intercorrelação desses problemas de comportamentos típicos nessa etapa da vida conduz ao pensamento de um processo de base compartilhada, mesmo que tais problemas sejam topograficamente diferentes (BAHLS & INGBERMANN, 2005).

Estudos realizados pelo CEBRID (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas), resultantes de pesquisas e comparação de dados, confirmam que o uso de drogas por adolescentes vem aumentando no país. Essa fase é o período de maior vulnerabilidade e exposição ao uso dessas substâncias. Pela sua característica de fase de experimentação, boa parte dos adolescentes já usou algum tipo de droga por curiosidade, muitas vezes por influência dos grupos, vivem a experiência e abandonam as drogas com a maturidade (CONTINI; KOLLER; BARROS, 2002). Porém, grande parte daqueles que são apresentados às drogas nessa fase turbulenta, acabam fazendo dela objeto de prazer e fuga da realidade, lotando clínicas e centros de reabilitação que oferecem tratamentos para dependentes químicos.

O consumo começa pelas drogas consideradas lícitas, como álcool e cigarro, passando pela maconha e solvente até chegar às mais prejudiciais, como crack e cocaína, já populares entre os usuários brasileiros. O VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras, divulgado pelo CEBRID em 2010, é um levantamento epidemiológico, que representa um universo de estudantes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II e 1º ao 3º ano do ensino médio, de escolas públicas e particulares das 27 capitais dos estados brasileiros e do Distrito Federal. Esse documento aponta que 25,5% dos estudantes afirmaram já terem usado alguma substância ilícita pelo menos uma vez na vida, desse total 10,6% referiu ter usado no último ano e 5,5% ter feito uso no último mês. Destaca também que as drogas mais usadas pelos estudantes em fase escolar, são o álcool, citado por 42,4% dos adolescentes, seguido do tabaco (9,6%), inalantes (5,2%), maconha (3,7%), ansiolíticos (2,6%), cocaína (1,8%), e anfetaminas (1,7%).

Segundo boletim de número 66, divulgado pelo CEBRID, correspondente aos meses de agosto a dezembro de 2010, um levantamento sobre o consumo de substâncias psicoativas entre estudantes do ensino fundamental (8º e 9º ano) e médio (1º a 3º ano) da rede particular do município de São Paulo, apontou que da população avaliada 39,6% dos estudantes tinham consumido bebida alcoólica nos 30 dias que antecederam a pesquisa, 10,2% tabaco (cigarro), 3,7% inalante(s), 3,8% maconha, 3,7% tranquilizantes (benzodiazepínicos), 1,7% estimulantes tipo anfetamina(s), 0,9% êxtase 0,9% cocaína e 0,1% crack.

Esses dados foram coletados em 37 escolas particulares do município, com uma amostra significativa de 5226 estudantes. O levantamento mostrou que as idades de início do

uso são de 12 anos para bebidas alcoólicas e 14 anos para a cocaína, com prevalência maior de drogas ilegais entre o sexo masculino e medicamentos psicotrópicos para o sexo feminino. Os dados evidenciam que o uso abusivo de substâncias ilícitas na adolescência tem maior prevalência a partir dos 16 anos, e o uso eventual por volta dos 12 anos de idade, demonstrando que as práticas preventivas devem ser pensadas e desenvolvidas também para menores de 10 anos de idade (GALDUROZ *et al*, 2004).

A literatura sobre o uso de drogas por adolescentes escolares no Brasil, também sugere a presença de dificuldades escolares no histórico dos adolescentes. O IV Levantamento Nacional sobre Uso de Drogas entre Estudantes mostrou que em todas as capitais pesquisadas, há uma defasagem significativa entre a série e a idade para os usuários de drogas (GALDURÓZ, NOTO & CARLINI, 1997). No contexto do uso de drogas, estudos epidemiológicos são de fundamental importância para uma melhor avaliação da situação, permitindo com isso, o planejamento e desenvolvimento futuro de estratégias preventivas e/ou tratamento.

Os resultados são preocupantes e caracterizam a realidade de muitas escolas pelo país, tanto públicas quanto particulares. De forma geral, o problema da toxicomania entre adolescentes escolares é bastante complexo, com diversos fatores intervenientes. Para essa revisão, utilizaremos o grupo escolar, como foco da análise, por entender que este é a segunda rede social que o adolescente busca para desenvolver novos vínculos durante essa fase.

Grupo escolar e as implicações no uso de drogas

A identificação com o grupo e seus interesses, é o que muitas vezes impulsiona o uso de drogas, a experimentação de sensações novas. Disso resulta o sentimento de aceitação, o adolescente então se sente parte integrante do grupo, seguindo normas e influências do mesmo. Sendo esse um período de grande vulnerabilidade, vem acompanhado de outros riscos, pois o grupo de amigos torna-se de primeira importância em nível social, e a família, por vezes em conflito com o adolescente e suas constantes mudanças, fica em segundo plano.

Dentre os grupos aos quais os adolescentes buscam pertencer, o grupo escolar se destaca pela identificação da fase em que se encontram, pela semelhança de gostos e desejos,

pela proximidade, causada pela frequência com que se reúnem e compartilham experiências, e possivelmente, pela classe social em comum.

Ao discutir sobre o papel social da escola, quanto ao aprendizado e conscientização dos adolescentes, entende-se que temáticas como o uso de drogas deveriam ser discutidas com base nas diversas transformações sociais, tecnológicas e culturais que vive a sociedade brasileira, priorizando a especificidade da fase de desenvolvimento e a situação do aluno enquanto ser social. Para tanto, entende-se que o papel da escola inclui um conjunto de informações aos adolescentes quanto à inter-relação existente entre o uso de drogas e o contexto social no qual estes estão inseridos, bem como seus riscos à saúde do indivíduo.

Segundo Paulo Freire, grande filósofo e educador brasileiro, a escola é parte integrante da sociedade, por isso, à necessidade de constante diálogo entre a realidade social e o conhecimento transmitido na escola. Sobre a relação escola e contexto social, Freire diz que é uma ilusão nossa pensar que a escola não é parte da sociedade em que vivemos e que os problemas sociais não influenciam nesse ambiente, assim, está errado quem considera a educação como um ato apolítico e neutro nesse sentido (FREIRE, 1983).

A concepção de Freire acerca da educação tem como base o caráter inconcluso do ser humano. Na escola, as relações ensino-aprendizagem e educação-realidade social colaboram com que o autor chamou de consciência crítica. O termo foi usado para descrever a atitude/comportamento de refletir sobre a realidade que nos cerca. No caso dos adolescentes escolares, há uma necessidade de abrir diálogos constantes sobre o uso de drogas e os danos causados por ele ao usuário e à sociedade, trazendo conteúdos e exemplos que fazem parte da história de vida dos estudantes e do contexto social no qual estão inseridos, portanto, educação é formação constante de um ser inconcluso. Através dessa prática dialética com a realidade, os estudantes participam do processo, identificam-se com seus pares, constroem conhecimentos e refletem sobre sua realidade.

Na adolescência, amigos da escola ou de qualquer outro grupo influenciam positiva ou negativamente nas escolhas, também no uso ou na experimentação das drogas, essa influência muitas vezes se torna mais forte e os laços mais estreitos. É uma fase em que o sujeito questiona saberes e ideias até então impostas a ele, período de transição em que duvidam das verdades prontas e se rebelam contra elas. Nessa metamorfose, procuram grupos nos “quais se identificam e com os quais compartilham as mesmas dores, dúvidas e alegrias, a dose necessária de aconchego, solidariedade e compreensão” (BESSA e PINSKY, 2004, p 11).

A teoria do psicanalista Erick Erikson aponta que a construção da identidade do sujeito é um processo contínuo, tanto em seu aspecto pessoal quanto social, dessa forma, ocorre através das trocas entre o indivíduo e o grupo/meio, no qual está inserido e perpassa por todas as fases do desenvolvimento estando em constante formação. Em seu trabalho intitulado *Identidade, Juventude e Crise*, Erikson fundamenta a questão da adolescência enquanto fase de problematizações, mais complexa tanto no aspecto biológico quanto psicossocial. Segundo o autor, esse período torna-se ainda mais acentuado e consciente devido às transformações constantes, e em algumas culturas passou a ser visto como um modo de vida entre a infância e a vida adulta.

Erikson e Freire compartilham o princípio de que o desenvolvimento e formação da identidade do sujeito é resultado de suas inter-relações com o outro e com o mundo. De acordo com suas teorias, o processo de formação perdura por todas as fases do desenvolvimento, o homem não para de educar-se, é um ser inacabado em constante formação, aprende e compartilha conhecimentos e práticas com seus semelhantes. O homem então possui consciência de que é um ser autônomo, e no grupo é possível compartilhar experiências e exercitar a companhia social.

Frente a esse contexto, os adolescentes buscam se expressar através de gírias, do modo como se vestem, nos esportes e gostos musicais, expressam sua energia e criatividade:

Mas também tamanha energia pode ser desviada para atividade de risco ou lesivas ao seu bem estar. As drogas incluindo aí tanto substâncias lícitas como ilícitas, têm a perversa capacidade de desviar o curso de vida dos jovens, às vezes de modo irreversível (BESSA e PINSKY, 2004, p 11).

A escola enquanto grupo, é também um agente na construção de identidade do adolescente. A educação recebida por ele é um reflexo da sociedade na qual está inserido, entendendo que a construção dessa identidade é baseada nas interações com o outro, pois, é no grupo que o indivíduo se reconhece e desenvolve sua autoimagem (CONTINI; KOLLER; BARROS, 2002). O grupo escolar ganha destaque nessa fase de descobertas, e por isso torna-se um substituto do grupo familiar.

A descoberta das diversões noturnas, a experimentação da liberdade e controle de si ocorrem justamente quando o adolescente começa a fazer parte dos grupos. A busca da identidade nessa fase turbulenta leva, muitas vezes, o adolescente a um mundo de incertezas sobre si mesmo, e até mesmo a situações de transgressão. Uma busca pelo prazer imediato e a

experimentação da falsa liberdade que é oferecida pela droga, colaboram para o aumento das experiências com essas substâncias (DeMICHELI, MICHELI e FORMIGONI, 2001).

Segundo a teoria psicopedagógica, numa relação ensino-aprendizagem saudável, essencialmente, carece de dois participantes, o ensinante e aprendente. Para que haja aprendizado e troca de conhecimento, é preciso que o aluno se identifique com o professor, com o grupo em que está inserido, que haja confiança, e este se sinta pertencente ao grupo (RANGEL, TORMAN e FOCESI, 2012). Se na infância o modelo identificatório são os pais, na adolescência pode ser a figura do professor, colegas de sala, ou qualquer ídolo/pessoa importante eleita pelo indivíduo.

Além da condição do grupo escolar acima exposta, que se apresenta enquanto um possível influenciador do uso de drogas, outros tantos aspectos desfavoráveis como as condições sociais de miséria, pobreza, favelamento, difícil acesso à educação de qualidade e outros inúmeros fatores aproximam os adolescentes do universo das drogas.

Prevenção no contexto escolar

Os altos índices associados ao uso de drogas ilícitas e lícitas por adolescentes estudantes é um problema que tem tomado grandes proporções, devido aos prejuízos individuais e sociais que têm causado e por isso, tem sido amplamente discutido em diversas áreas do conhecimento como a educação, a medicina e a psicologia. Os impactos à saúde e bem-estar do adolescente são de ordem biopsicossocial, que envolvem toda a estrutura do desenvolvimento nessa etapa.

A literatura atual sobre o uso de drogas por adolescentes estudantes no Brasil vem ponto em destaque à importância de se trabalhar nos educadores a concepção de adotar atitudes de prevenção e redução de risco e não de combate ao uso, com medidas extremas e fora do contexto do público adolescente (MOREIRA *et al*, 2006). As ações preventivas no ambiente escolar devem estar intrínsecas as atividades curriculares desenvolvidas nesse espaço, de forma que incentive os alunos na busca pelo tipo de vida saudável, oferecendo bem-estar físico e mental, aos alunos e a rede social na qual a escola está contida.

Muitos programas preventivos em prática nas nossas escolas ainda não consideram o tema de forma transversal, discutindo sobre as diferentes perspectivas do problema e envolvendo a questão da saúde e a participação da família, junto às atividades preventivas desenvolvidas no ambiente escolar. A cultura preventiva em algumas escolas no país é incipiente. Segundo Moreira 2006, ações inclusivas adotadas pela escola também protegem o adolescente, além de oferecer alternativas de lazer. Para o autor, essas ações devem ter como meta a inclusão social dos alunos e de toda comunidade escolar.

Atividades artísticas e culturais, prática de esportes e a relação do conhecimento ofertado pela escola com a prática cotidiana das atividades, diminuem os riscos de exposição do aluno ao consumo de drogas. Dessa forma, para educadores e profissionais de qualquer área que visem trabalhar a questão do uso de drogas com crianças e adolescentes, é essencial que se determine quais os fatores relevantes naquele contexto podem promover o crescimento saudável do indivíduo, e para tal tenham como base o conhecimento técnico e experiencial (NOTO e MOREIRA, 2006).

Na literatura sobre o tema, inúmeras pesquisas e levantamentos acerca do uso de drogas, revelaram que o contato inicial do adolescente com essas substâncias têm ocorrido, na grande maioria dos casos, no ambiente escolar, e ainda o fato de que a falta de informação sobre os efeitos causados pelo consumo é um dos fatores que influenciam o uso de drogas nessa fase (SOIBELMAN 2003, *apud* SANTOS *et al*, 2011). Tais resultados mostram a responsabilidade que ainda é depositada na escola, de se trabalhar o assunto mais amplamente possível, dentro da sala de aula, já que o público escolar certamente tem fácil acesso às drogas, portanto, em situação de risco.

Com as mudanças nos paradigmas de educação e nas leis que permeiam os direitos dos adolescentes, os programas de prevenção estão sendo reformulados e têm como meta principal, promover o bem-estar físico, psicológico e social do indivíduo, bem como suas competências para lidar com as demais situações de risco. Esse tipo de prevenção, além de afastar o adolescente das drogas, promove o bem-estar ao tempo em que auxilia no desenvolvimento de estratégias saudáveis pelo próprio adolescente.

Dessa forma, o objetivo das mudanças nesses programas é a promoção dos elementos positivos, que levam o adolescente ao desenvolvimento saudável de suas habilidades pessoais e sociais, ajudando-o a enfrentar e superar com mais maturidade as adversidades dessa fase turbulenta (ASSIS e CONSTANTINO, 2001). Os modelos de prevenção que têm mostrado os

melhores resultados são baseados no desenvolvimento de um olhar crítico e reflexivo no âmbito familiar, no contexto escolar e nas demais relações interpessoais estabelecidas durante essa fase.

Vasconcelos (2008) destaca em seu estudo o uso da metodologia do trabalho com redes sociais no ambiente escolar, enquanto um processo reflexivo que envolva a comunidade numa tarefa em comum a ser cumprida, a prevenção do uso de drogas. Essa metodologia possibilita uma compreensão mais ampla da situação de risco em que se encontram os alunos, uma maior compreensão do fenômeno do uso de drogas, para que desenvolva uma intervenção apropriada ao contexto escolar, baseando-se na dinâmica relacional e na rede social à qual pertence esse adolescente. A base desse modelo de trabalho é a construção de redes sociais num projeto que envolva dos diferentes setores da sociedade para participar de um trabalho de prevenção mais efetivo dentro e fora do ambiente escolar. Segundo o autor, essa abordagem busca trabalhar o tema num enfoque de natureza sistêmica, fugindo dos padrões tradicionais.

Outro modelo que merece destaque é o das habilidades sociais, apresentado por Wagner e Oliveira (2007), que se baseia na hipótese de que os adolescentes que não desenvolvem a habilidade de interagir socialmente de forma adequada ficam mais expostos a certos riscos e possivelmente se envolvam com o uso de tais substâncias. O treinamento assertivo junto ao desenvolvimento das habilidades sociais nos adolescentes pretende auxiliar no preenchimento das lacunas existentes, uma vez que este desenvolvimento oferece um leque de comportamentos saudáveis ao adolescente, e trabalha dessa forma, a solução de problemas e tomada de decisão frente ao consumo de drogas. Na definição adotada pelo autor, entende o conceito de habilidades sociais como:

Um conjunto de comportamentos de uma pessoa numa situação interpessoal, através dos quais essa pessoa manifesta seus sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos de modo apropriado, o que costuma resolver os problemas imediatos, diminuindo assim a probabilidade de problemas no futuro (CABALLO 1998, apud WAGNER e OLIVEIRA, 2007, p 102).

Os resultados dos estudos de Wagner e Oliveira (2009) comprovam a existência de prejuízos nos aspectos cognitivos e nas habilidades sociais, bem como, sintomas indicativos de depressão e ansiedade no grupo avaliado que faz uso de drogas. Com isso, acredita-se que os programas de intervenção que tenham como objetivo promover as competências pessoais e sociais dos adolescentes tem um importante papel na prevenção, permitindo assim que

alcancem um melhor controle sobre suas vidas, e também dos pensamentos, sentimentos e impulsos característicos dessa fase do desenvolvimento.

É sabido que a escola desempenha um importante papel na formação dos indivíduos, indo além da função de instrução, atuando também na construção das relações sociais construídas através da interação dos adolescentes no do ambiente escolar. Dessa forma, observa-se que a formação do sujeito e sua tomada de consciência enquanto ser social e autônomo, que possui habilidade de construir-se a si mesmo, deve ser organizada com base nas experiências existenciais, em situações cotidianas de natureza diversas (sociais, políticas, ambientais, de saúde, etc.). Faz-se necessário no contexto escolar, uma abordagem mais eficaz dessa problemática, esse trabalho pode identificar ações preventivas que ofereçam resultados positivos baseados na dinâmica de trabalho da escola.

Na tentativa de unir esforços para o enfrentamento desse problema, é interessante ressaltar a possibilidade das instituições de ensino buscar alternativas junto aos demais setores sociais, levando informações que promovam a prevenção e alertem os jovens dos perigos do consumo dessas substâncias. A estreita relação entre adolescentes e as drogas estabelecida nos dias atuais, suscita uma reflexão sobre esta problemática que já se faz presente cotidianamente nos diferentes espaços, desde o familiar, passando pelo social, no campo ou nas cidades, até a saúde e educação afetando fortemente o espaço escolar e clínico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão da literatura apresentada nesse texto buscou destacar importantes questões relacionadas ao uso de drogas por adolescentes em fase escolar. A temática do abuso de substâncias psicoativas ainda é um tema amplamente discutido na sociedade brasileira, e tem preocupado educadores, pais e profissionais de diversas áreas, que procuram compreender a questão do abuso de drogas e delinear ações preventivas adequadas à faixa etária e contexto social de cada estudante.

A questão do uso de drogas se constitui enquanto um problema multifatorial, desse modo, não pode ser tratado de forma isolada pela escola ou pela família, sendo individualizado, já que é um tema considerado a partir de uma ampla compreensão do

contexto em que o adolescente se insere. O abuso de drogas é mais um sintoma do que uma causa dos problemas na sociedade brasileira, e precisa ser amplamente discutido, considerando sua complexidade e importância. Pelos estudos e resultados avaliados, compreende-se que a modelo mais eficaz de minimizar o problema do consumo de drogas é desenvolver ações preventivas, objetivando a promoção do bem-estar e o respeito à vida.

Por fim, é preciso incentivar o despertar da comunidade escolar para o cuidado da saúde escolar de forma integral, buscando o desenvolvimento da autonomia dos adolescentes através das escolhas saudáveis. Além das atividades e programas preventivos, deve-se também cuidar e assistir adequadamente aqueles que já se tornaram dependentes da droga e precisam do apoio da escola, família e comunidade em sua reabilitação e integração social. A escola se encontra em posição privilegiada na promoção e prevenção em saúde dos alunos, podendo expandir os programas à comunidade do entorno, objetivando o bem-estar individual e coletivo.

THOUGHT OF THE RELATIONSHIP AMONG DRUGS, TEENAGERS AND SCHOOL – LITERATURE REVIEW.

ABSTRACT

The objective of this paper is to point out some aspects after a literature review of the relationship among school, teenagers and drugs, based on articles and papers published under these three axes. It proposes an analysis of positive and negative influences of the school environment on the usage of such substances, emphasizing the importance of approaching such issue and how it should be treated in this environment. On theoretical basis, contained in the body of the paper, the emphasis was on studies on each of the three axes separately, the analysis of them together, as well as the concepts of drug use by teenager students and the possible consequences and interventions planned to be applied on school environment. Among the questions arising from such analysis, there is a fundamental point: the use of drugs constitutes a multi facts problem and cannot be treated isolated from school or family. Thus, since the school is in a privileged position to other contexts, then it is suggested that preventive and early interventions are planned in schools across the country, aiming to exchange information and contents that warn about the risks and losses caused by drug usage.

KEYWORDS: Teenagers, Drugs, School.

REFERÊNCIAS

ABADI, S. Adolescencia y droga: um sintoma em la cultura. **La Psychanalyse dans la Civilization**, v. 4, p. 603-613, 1991.

ABERASTURY, Arminda e KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artes. 2000.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Drogas nas escolas: versão resumida**. Brasília: UNESCO, Rede Pitágoras, 2005. 143p. Disponível em:<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001393/139387por.pdf>>. Acesso em: 13 de nov.2013.

ANDRETTA, Ilana e OLIVEIRA, Margareth da Silva. **A técnica da entrevista motivacional na adolescência**. *Psicol. clin.* [online]. 2005, vol.17, n.2, pp. 127-139. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/pc/v17n2/v17n2a10>>. Acesso em: 13 de Nov. 2013.

BAHLS, Flávia Rocha Campos and INGBERMANN, Yara Kuperstein. **Desenvolvimento escolar e abuso de drogas na adolescência**. *Estud. psicol. (Campinas)*[online]. 2005, vol.22, n.4, pp. 395-402. ISSN 0103-166X. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v22n4/v22n4a07.pdf>>. Acesso em: 18 de nov. 2013.

BUCHER, R. **Prevenção ao uso indevido de drogas (Programa de Educação Continuada: Extensão Universitária)**. Brasília: Universidade de Brasília. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência.1991.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente** (1990). Estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. – 3. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001. 92 p. – (Série fontes de referência. Legislação; n. 36) ISBN 85-7365-155-5. Disponível em:<<http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/182.pdf>>. Acesso em: 27 de nov.2013.

CAVALCANTE, Maria Beatriz de Paula Tavares; MARIA DALVA SANTOS, Alves e BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. **Adolescência, álcool e drogas: uma revisão na**

perspectiva da promoção da saúde. Esc. Anna Nery [online]. 2008, vol.12, n.3, pp. 555-559. ISSN 1414-8145. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ean/v12n3/v12n3a24.pdf>>. Acesso em: 18 de nov. 2013.

CONTINI, Maria de Lourdes Jeffery; KOLLER, Sílvia Helena; BARROS, Monalisa Nascimento dos Santos (Org.). **Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas.** Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002. Disponível em:<<http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/01/adolescencia1.pdf>>. Acesso em: 05 de dez. 2013.

DEMICHELI, D. e FORMIGONI, M. L. O. S. **Are reasons for the first use of drugs and family circumstances predict of future use pattern?** Addictive Behaviors. 2001.27:87-100.

DOS SANTOS, Eliane Oliveira *et al.* Abordagem sobre a prevenção das drogas no contexto escolar. **Inter Science Place**, 2011. Disponível em:<<http://www.interscienceplace.org/files/journals/1/articles/150/public/150-855-1-PB.pdf>>. Acesso em: 7 de dez. 2013.

EISENSTEIN, Evelyn. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência & Saúde**, v. 2, n. 2, p. 06-07, 2005. Disponível em:<http://adolescenciaesaude.com/imagebank/PDF/v2n2a02.pdf?aid2=167&nome_en=v2n2a02.pdf>. Acesso em: 14 de nov. 2013.

ERIKSON, Erik Homburger. **Identidade, Juventude e Crise.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000b.

GALDURÓZ, J. C.; NOTO, A. R. e CARLINI, E. A. **IV levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º. e 2º. Graus em 10 capitais brasileiras - 1997.** São Paulo: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID, Departamento de Psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo, 1997. 130p. Disponível em:<<http://www.cebrid.epm.br/index.php>>. Acesso em: 13 de dez. 2013.

GALDURÓZ, J. C. F; NOTO, A.R; FONSECA A.M; CARLINI, E.A.V **Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras: 2004**. São Paulo. CEBRID: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas; Departamento de Psicobiologia; UNIFESP: Universidade Federal de São Paulo. 398p.2005. Disponível em:<<http://www.cebrid.epm.br/index.php>>. Acesso em: 13 de dez. 2013.

HIGHET, G. (2003). **Cannabis and smoking research interviewing**. Young people in self-selected friendship pairs. *Health and Education Research*, 18 (1), 108-118. Disponível em:<<http://her.oxfordjournals.org/content/18/1/108.full>>. Acesso em: 04 de jan. 2014.

LARANJEIRA, Ronaldo; PINSKY, Ilana; ZALESKI, Marcos; CAETANO, Raul; DUARTE, Paulina do Carmo Arruda Vieira. **VI Levantamento Nacional sobre os Padrões de Consumo do Álcool na População Brasileira**. Brasília: SENAD Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. 76p. 2007.

MALBERGIER, André; CARDOSO, Luciana Roberta Donola; AMARAL, Ricardo Abrantes do. **Uso de substâncias na adolescência e problemas familiares**. *Cad Saúde Pública*; 28(4): 678-688, abr. 2012. Graf, tab. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/csp/v28n4/07.pdf>> . Acesso em: 17 de nov. 2013.

MARIANO DA ROCHA, S. Adolescência, uso de drogas e ato infracional: estamos ligados. **Adolescência, drogas e sistema de justiça: caderno de textos**, p. 11-21, 2003. Porto Alegre: Editora do Ministério Público.

MOREIRA, Fernanda Gonçalves; SILVEIRA, Dartiu Xavier da; ANDREOLI, Sérgio Baxter. Redução de danos do uso indevido de drogas no contexto da escola promotora de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 11, n. 3, p. 807-816, 2006. Disponível em:<<http://www.scielo.org/pdf/csc/v11n3/30995.pdf>>. Acesso em: 14 de jan. 2014.

NOTO, Ana Regina *et al*. **I Levantamento sobre o consumo de substâncias psicoativas entre estudantes de ensino fundamental (8º e 9º ano) e médio (1º a 3º ano) representativo da rede particular de ensino do município de São Paulo**. CEBRID: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas; Departamento de Psicobiologia; UNIFESP: Universidade Federal de São Paulo, 2010. Disponível em:<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:G1PCYkQgdA0J:200.144.91.1>>

02/sitenovo/download.aspx%3Fcd%3D144+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 13 de dez. 2013.

NOTO, Ana Regina *et al.* Prevenção ao uso indevido de drogas: conceitos básicos e sua aplicação na realidade brasileira. **Silveira DX, Moreira FG. Panorama atual de drogas e dependências. São Paulo: Atheneu**, p. 313-8, 2006.

PEDROSO, Rosemeri Siqueira *et al.* Expectativas de resultados frente ao uso de álcool, maconha e tabaco. **Revista de Psiquiatria RS**, v. 28, n. 2, p. 198-206, 2006. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v28n2/v28n2a12>>. Acesso em: 26 de nov. 2013.

PINSKY, Ilana, e BESSA, Marco Antônio. (orgs). **Adolescência e drogas**. São Paulo: Contexto,2004. -. MAGER, M. Implicações Contemporâneas para a Prática psicológica.

PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio dos. Reflexões sobre as relações entre drogadição, adolescência e família: um estudo bibliográfico. **Estudos de Psicologia**, v. 11, n. 3, p. 315-322, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v11n3/09.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2013.

RANGEL, Ana Paula; TORMAN, Ronalisa; FOCESI, Luciane Varisco. **Adolescência: construindo uma identidade**. Nova Friburgo. Revista Conhecimento Online. Ano 4, 2012. Disponível em:<<http://aplicweb.feevale.br/site/files/documentos/pdf/55990.pdf>>. Acesso em: 7 de nov. 2013.

SCHENKER, Miriam; MINAYO, MC de S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 10, n. 3, p. 707-17, 2005. Disponível em:< <http://www.scielosp.org/pdf/csc/v10n3/a27v10n3.pdf>>. Acesso em: 15 de dez. 2013.

VASCONCELOS, Mackill Lima. **Avaliação das redes sociais da escola: uma estratégia de prevenção do uso de drogas**. 2008. Disponível em:<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1658/1/2008_MackillLimaVasconcelos.pdf>. Acesso em: 12 de nov. 2013.

WAGNER, Marcia Fortes; OLIVEIRA, Margareth da Silva. Estudo das habilidades sociais em adolescentes usuários de maconha. **Psicol Estudo**, v. 14, n. 1, p. 101-110, 2009. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n1/a13v14n1.pdf>>. Acesso em: 8 de jan. 2014.

WAGNER, Marcia Fortes; OLIVEIRA, Margareth da Silva. Habilidades sociais e abuso de drogas em adolescentes. **Psicologia Clínica**, v. 19, n. 2, p. 101-116, 2007. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/pc/v19n2/a08v19n2>>. Acesso em: 8 de jan. 2014.